

# Via Atlântica

USP UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Reitor:* Jacques Marcovitch

*Vice-Reitor:* Adolpho José Melfi

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

*Diretor:* Francis Henrik Aubert

*Vice-Diretor:* Renato da Silva Queiroz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

*Chefe do Departamento:* Maria Helena Nery Garcez

*Vice-Chefe:* Benjamin Abdala Junior

ÁREA DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Coordenador:* Benjamin Abdala Junior

*Vice-Coordenadora:* Maria Helena Nery Garcez

---

Via Atlântica / Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Uni-  
versidade de São Paulo - n. 3 (1999) -.- São Paulo : Depar-  
tamento, 1999.

ISSN 1516-5159

1. Língua portuguesa 2. Literatura de expressão portu-  
guesa 3. Literatura comparada I. Universidade de São Paulo. Fa-  
culdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

CDD-469

869

---

# Via Atlântica

Publicação da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo

n. 3      São Paulo      1999

<i>Editores</i>	Benjamin Abdala Junior Elza Miné Nádia Battella Gotlib
<i>Conselho Editorial</i>	Ana Paula Ferreira Benjamin Abdala Junior Carlos Reis Elza Miné Isabel Pires de Lima João Alexandre Barbosa Maria Aparecida de C. Brando Santilli Nádia Battella Gotlib
<i>Conselho Consultivo</i>	Antonio Dimas Benilde Justo Lacorte Caniato Cleonice Berardinelli David Jackson ( EUA) E. M. de Melo e Castro Ettore Finazzi-Agrò ( Itália) João Adolfo Hansen Jorge Fernandes da Silveira Fátima Mendonça ( Moçambique) Fernando Martinho ( Universidade de Lisboa) Helder Macedo( Inglaterra) Laura Cavalcante Padilha Lélia Parreira Duarte Maria Helena Nery Garcez Maria Luiza Ritzel Remédios Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes Maria dos Prazeres Gomes Maria dos Prazeres Mendes Marisa Lajolo Nelly Novaes Coelho Pepetela ( Angola) Ria Lemaire ( França) Rita de Cássia Natal Chaves Roberto de Oliveira Brandão Sandra Nitrini Suely Fadul Villibor Flory Tania Celestino de Macêdo Vilma Arêas
<i>Revisão de texto</i>	Susanna Ramos Ventura

*Editoração Eletrônica:* Lato Senso – Editora de Textos  
*Capa:* Colagem a partir da ilustração *Mameluca*, Albert Eckhout  
*Impressão e Acabamento:* Vida e Consciência

Endereço para correspondência:  
Rua do Lago, 717  
São Paulo – SP  
CEP 05508-900  
Fone: (011) 211-4214

Via Atlântica, n. 3, 1999  
Esta publicação conta com auxílio financeiro da CAPES

# sumário

Editorial .....	7
Carta dos Leitores .....	9

## DOSSIÊ: ÁFRICA

A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial	
<i>Russell Hamilton</i> .....	12
<i>Sol na Iardi</i> - perspectivas otimistas para a literatura guineense	
<i>Moema Parente Augel</i> .....	24
Visões do mar na literatura angolana contemporânea	
<i>Tania Celestino de Macêdo</i> .....	48
Literatura colonial em Moçambique: o paradigma submerso	
<i>Francisco Noa</i> .....	58
Fernando Costa Andrade: poeta angolano em luta	
<i>Vera Lúcia de Oliveira</i> .....	70
<i>Imitação de Sartre &amp; Simone de Beauvoir</i> ou	
Imitação de amores e encontros narrativos	
<i>Inocência Mata</i> .....	90
O fazer-creer, nas histórias de Mía Couto	
<i>Maria Aparecida Santilli</i> .....	98
Alegorias em Abril: Moçambique e o sonho de um outro Vinte e Cinco	
- uma leitura do romance <i>Vinte zinco</i> , do escritor Mía Couto	
<i>Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco</i> .....	110
Cinquenta anos de literatura angolana	
<i>Ana Paula Tavares</i> .....	124
O romance como documento social: o caso <i>Mayombe</i>	
<i>Carlos Serrano</i> .....	132
José Craveirinha, da Mafalala, de Moçambique, do mundo	
<i>Rita Chaves</i> .....	140

## OUTROS ENSAIOS

As comemorações dos descobrimentos: figurações e reconfigurações de estados nacionais	
<i>Eneida Leal Cunha</i> .....	170
<i>De profundis</i> , valsa lenta, o testemunho de Cardoso Pires	
<i>Maria Luiza Scher Pereira</i> .....	182
Dois romances da experiência	
<i>Vilma Arêas</i> .....	192
A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia	
<i>Luiz Antonio de Assis Brasil</i> .....	204
Anos noventa: breve roteiro da novíssima poesia portuguesa	
<i>Rosa Maria Martelo</i> .....	224
Quando <i>Nome de guerra</i> é corpo na cidade	
<i>Izabel Margato</i> .....	238
Garrett: de fingimentos e conclusões (formas que o escritor teve de fazer seu próprio elogio)	
<i>Maria Fernanda de Abreu</i> .....	248
<i>Os Lusíadas</i> , de Camões, e a <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto: perspectivas das viagens portuguesas	
<i>Lélia Parreira Duarte</i> .....	262

## RESENHAS

Em passeio com <i>Pedro e Paula</i> : Casablanca, Lisboa, Londres, Paris, Joanesburgo, o mundo...	
<i>Teresa Cristina Cerdeira da Silva</i> .....	270
Entre a mágoa e o sonho... nas <i>Estórias abensonhadas</i> de Mia Couto	
<i>Nataniel Ngomane</i> .....	284
<i>Anita</i> , um livro que conta muitos livros	
<i>Luiz Fernando Ramos</i> .....	290

## INÉDITOS

Perfis de Nabuco em textos inéditos de Jaime Batalha Reis e Manuel de Oliveira Lima	
<i>Elza Miné</i> .....	298

## TESES E DISSERTAÇÕES

Projetos em andamento dos alunos da área de ECLLP/USP .....	313
---	-----

# editorial

Neste terceiro número, a revista *Via Atlântica* dá seqüência a seu projeto de veicular entre estudiosos do Brasil e do Exterior, ligados a comunidades de língua portuguesa, resultados de investigações associadas ao programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. A perspectiva comparada dessa área de estudos solicita estudos que problematizem o que existe de próprio e de comum entre as culturas dos países de língua portuguesa. Neste número, através do dossiê África, organizado por Rita Chaves – docente responsável pela área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, da Universidade de São Paulo – procurou-se mapear a história e a expressão literária dos países africanos de língua portuguesa, em cujo itinerário pode-se ter uma amostragem da vitalidade das literaturas de língua portuguesa nesse continente, e contemplar de algum modo as relações estabelecidas entre as suas trajetórias e a dinâmica cultural do Brasil e de Portugal.

Abrindo essa viagem pela África, Russell Hamilton, conhecido estudioso da matéria, traz-nos a questão das teorias pós-coloniais no contexto dos países africanos de Língua Portuguesa. O artigo de Moema Parente Augel cobre um dos espaços da produção literária africana menos conhecidos entre nós: a Guiné Bissau. Em seguida, Tania Macedo apresenta uma proposta de leitura bastante original do repertório literário angolano pós-independência, enquanto Francisco Noa, de um ângulo moçambicano, traz uma discussão importante para a história das literaturas em português: o problema da chamada literatura colonial.

Centrados de forma mais específica em autores são apresentados dois estudos relativos a escritores de Angola: Vera Lúcia de Oliveira estuda Costa Andrade e Inocência Mata João Melo. Seguem-se dois ensaios sobre Mia Couto: com a experiência de muitas viagens pelas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Maria Aparecida Santilli elege *Vozes anoitecidas*, o primeiro volume de contos do autor; Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco traz a publicação mais recente do autor, publicada por ocasião dos vinte e cinco anos da Revolução dos Cravos.

No terceiro bloco, há a apresentação mais direta de perfis de escritores representativos da produção africana em língua portuguesa. Ana Paula Tavares, poeta e cronista de Angola, uma das mais expressivas vozes da chamada literatura feminina desse país, aqui apresenta também sua face de estudiosa da vida literária, com o texto da sessão de abertura do *III Encontro de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa*. Em seguida, o também angolano Carlos Serrano analisa Pepetela e seu romance *Mayombe*. Na entrevista com o autor, um participante da luta de libertação nacional, além de aspectos importantes da sua experiência específica, elucidam-se alguns dos temas essenciais do projeto literário do escritor e do lugar ocupado pela literatura na formação da nacionalidade. Da outra costa africana, vem José Craveirinha, cuja trajetória de cidadão e escritor é traçada por Rita Chaves a partir de uma entre-

vista realizada em Maputo, onde nasceu e vive o poeta. Valendo-se das declarações do escritor, de páginas significativas de sua importantíssima obra e de estudos sobre essa obra, num texto entre o ensaio e a reportagem, recorta a trajetória de um escritor singular na sua capacidade de articular as raízes africanas em produtivo diálogo com o inventário de valores que lhe chegam de muitas partes do mundo.

As oito colaborações subseqüentes, relativas à seção “Outros ensaios”, abordam as literaturas de Portugal, do Brasil e dos Açores. Abre esta parte o ensaio de Eneida Leal Cunha que discute os sentidos políticos e simbólicos das comemorações, em tempo de novas figurações e de reconfigurações dos estados nacionais. Em seguida, num artigo de homenagem a José Cardoso Pires, um ficcionista que se tornou referência obrigatória para a literatura portuguesa atual, recentemente falecido, Maria Luiza Scher Pereira analisa o última e bela narrativa desse escritor, *De profundis, valsa lenta*. Vilma Arêas examina dois autores que, embora tenham suas diferenças, se aproximam “pelo interesse em obedecer aos princípios mais gerais (...) da ficção contemporânea”.

Pouco conhecida dos brasileiros é a narrativa açoriana do após-Abril, apresentada pelo crítico e ficcionista Assis Brasil, dentro da situação histórica atual, onde o arquipélago tem reconhecido seu estatuto político e cultural. Ainda nos moldes de uma apresentação panorâmica, situa-se o ensaio de Rosa Maria Martelo que traça um breve roteiro da novíssima poesia dos anos 90, em Portugal. Reveste-se desse sentido de atualidade, a análise de Izabel Margato, quando discute o romance *Nome de guerra*, de Almada Negreiros. Almeida Garrett, mais recuado no tempo, é objeto de um estudo que se reveste de atualidade crítica através do estudo de Maria Fernanda Abreu, quando são comemorados os duzentos anos de nascimento do fundador do romantismo português – um paradigma para os primeiros românticos brasileiros. Fechando esta parte, aberta com a discussão do sentido das descobertas, Lélia Parreira Duarte estuda semelhanças e diferenças quanto às perspectivas das viagens, em Camões e em Fernão Mendes Pinto.

A seção seguinte, conforme projeto editorial da revista, se volta para a divulgação de textos inéditos referentes à circulação literária entre os países de língua portuguesa. Neste número, Elza Miné apresenta cartas inéditas de Manuel de Oliveira Lima e de Jaime Batalha Reis, pertencentes ao acervo desse escritor da Biblioteca Nacional de Lisboa, em que a figura de Joaquim Nabuco é discutida.

Na seção de resenhas são apresentadas três apreciações críticas. Teresa Cristina Cerdeira da Silva analisa o romance *Pedro e Paula*, de Helder Macedo, recentemente lançado no Brasil, uma literatura dos “tempos novos”. Na resenha seguinte, Nataniel Ngomane discute as *Estórias abensonhadas*, de seu compatriota Mia Couto, também com edição brasileira recente. É também deste último mês de 1999 o lançamento do romance *Anita*, de Flávio Aguiar, docente desta área de estudos, analisado por Luiz Fernando Ramos – uma narrativa dinâmica, onde invenção e pesquisa se disputam, através de recursos próprios das técnicas cinematográficas.

A última seção, dedicada à divulgação dos trabalhos dessa área de pós-graduação, traz uma listagem dos projetos desenvolvidos pelos alunos desta área de estudos.



# carta dos leitores

São Paulo, 1º de setembro de 1999.

Caros Colegas,

Desejo inicialmente cumprimentá-los pela edição dessa bela revista e, em seguida, exprimir a minha estranheza acerca de um comentário a um trabalho meu, feito por nosso prezado colega Haquira Osakabe, no número 2 da referida publicação.

Foi com espanto que li, no artigo “A difícil arte de não sentir e não pensar”, que seu autor pretende “corrigir um pouco” os propósitos que teriam sido por mim emitidos no capítulo “Caeiro Zen” de meu livro *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*. Em primeiro lugar, considero o verbo “corrigir”, tão professoral, inadequado para os debates críticos, já que nestes não lidamos com verdades mas apenas com interpretações, mais ou menos válidas. Em seguida, a “correção” sugerida para minhas supostas afirmações é totalmente dispensável, porque aquilo

que o articulista afirma como sendo a boa leitura de Caetano coincide exatamente com o que está dito no meu livro.

Haquira Osakabe me atribui uma ingênua leitura “salvífica” de Caetano, e comenta: “Nós aqui corrigiríamos um pouco essa formulação, observando que é mais o sonho de Caetano que tem a ver com a atitude Zen e com a estética do haikai do que sua poesia. Esta ainda conserva traços de um cerebralismo que não se coaduna com um ‘naturalismo’ mais radical, típico do haikai” (p. 192-193).

Ora, é exatamente isso que eu afirmo em meu livro, quando mostro, pela análise dos próprios poemas de Caetano, a tendência constante à racionalização e ao pensamento abstrato, contrário à sua teoria e alheios ao Zen. Por isso, digo aí que encarar Caetano via Zen, desentranhando nele falsos haicais, é apenas uma “operação de leitura”, a qual nos mostra, precisamente, “*a tensão entre uma teoria e uma prática*” (p. 142, grifado no texto). Que abandonar o cerebralismo seja apenas “um sonho de Caetano”, está lá escrito com todas as letras: “apenas uma cura sonhada” (p. 153); “Caetano não é a solução dos problemas de Pessoa” (idem). Aliás, afirmar que a salvação e a saúde visadas por Caetano não passam de um sonho é um ponto pacífico na crítica pessoana, pelo menos desde o *Pessoa revisitado* de Eduardo Lourenço, que eu cito logo a seguir: “a cura fulgurante para o que não tem cura”.

Esta defesa de meu ponto de vista pode parecer decorrência de um melindre excessivo, ou de um gosto pessoal pelas infundáveis “polêmicas pessoanas”; mas é apenas a solicitação, um pouco entediada, de que ao referir um trabalho meu, para apoiá-lo ou contestá-lo, se faça justiça ao que nele está escrito. Também teria sido de boa prática acadêmica se Haquira Osakabe houvesse incluído meu livro nas Referências Bibliográficas de seu artigo, e não se tivesse limitado a uma nota displacente em que o nome do livro aparece truncado e sem indicação de local, edição de local, edição ou data. Aproveito a ocasião para informar que a referência completa é: *Fernando Pessoa. Aquém do eu, além do outro*, São Paulo, Martins Fontes, 1982. O livro foi posteriormente reeditado e está totalmente esgotado. Uma edição ampliada encontra-se atualmente em preparação noutra editora, o que me parece necessário já que os novos estudiosos de Pessoa não o encontrarão nem na própria biblioteca de nossa universidade, se desejarem verificar eles mesmos o que lá está escrito.

Solicitando a publicação desta carta em sua revista, reitero meus parabéns e meus votos de longa vida para a mesma.

Leyla Perrone-Moisés  
FFLCH-USP

# dossiê: África

